

Ensino de espanhol na escola e campanha institucional: uma perspectiva enunciativa

Charlene Cidrini FERREIRA¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar reflexões de ordem teórica e prática relacionadas ao ensino da Língua Espanhola no contexto da escola básica, por meio de uma experiência didática que teve como foco a análise e produção do gênero de discurso campanha institucional. O aporte teórico é a Análise do Discurso de orientação enunciativa (MAINGUENEAU, 2002) e a concepção de gênero de discurso (Bakhtin, 1992). Os resultados demonstraram que não é possível separar o ensino de língua do seu uso social e que a aplicação de uma abordagem enunciativa em sala de aula possibilita aos alunos, no processo ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, interagir discursivamente em tempos e espaços distintos, construindo novos sentidos por meio da apropriação dos gêneros e sua relação com a sociedade.

Palavras-chave: Ensino de língua estrangeira; Perspectiva enunciativa; Gênero campanha institucional.

Abstract: This paper presents theoretical and practical reflexions on Spanish Language education in basic school context. It parts from a didactic experience which focused on the analysis of the production of the discursive genre: social campaign. The theoretical contribution is brought from the Discourse Analysis on enunciative basis (MAINGUENEAU, 2002) and the conception of discourse genres (BAKHTIN, 1992). Results demonstrate that it is not possible to separate the teaching of a language from its social use and, in the teaching-learning process of a foreign language, the choice for an enunciative approach in classroom allows the students to discursively interact in distinct time and space, creating new meanings by the appropriation of the genres and their relation to the society.

Keywords: Foreignlanguageeducation; Enunciative perspective; Social campaign genre.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar reflexões de ordem teórica e prática relacionadas ao ensino da Língua Espanhola no contexto da escola básica, tendo como aporte teórico a teoria linguística da Análise do Discurso de orientação enunciativa (MAINGUENEAU, 2002) e a noção de gênero de discurso (Bakhtin, 1992).

Embora haja um avanço nos estudos voltados para a interlocução entre uma abordagem enunciativa e o ensino de línguas na escola por meio de um enfoque nos gêneros de discurso, ainda existe uma complexidade quando se trata da elaboração de materiais didáticos,

¹ Mestre em Letras (Linguística) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Doutoranda em Letras (Estudos da Linguagem) pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Professora de espanhol do CEFET-RJ. Rio de Janeiro-RJ. Correio eletrônico: charlenecidrini@hotmail.com.

talvez consequência de uma dificuldade que vem desde a formação docente.

Não é raro encontrar atividades baseadas numa visão de língua como um sistema isolado, que não levam o aluno a pensar e refletir sobre seu uso concreto ou mesmo desenvolver uma leitura crítica sobre os sentidos construídos. Na década de 90, a ênfase aos gêneros de discurso ganhou uma dimensão no ensino de línguas por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. Entretanto, ainda podemos verificar o uso de metodologias em que o trabalho com os gêneros se limita à sua forma e estrutura ou como apenas pretexto para o aprendizado de aspectos gramaticais, sem levar o aluno a compreender sua relação com elementos históricos e sociais. Muitas vezes, encontramos livros didáticos recheados de gêneros que criam a ilusão de uma abordagem que leva em consideração a língua como fenômeno social. Contudo, quando analisamos com atenção, não é bem isso o que acontece².

Desse modo, as reflexões aqui expostas são fruto de investigações e experiências realizadas ao longo de minha prática docente, na busca de promover um ensino de espanhol, assim como defendem as Orientações Curriculares para o Ensino médio - OCN-EM (2006), que compreenda a língua em seu uso, como prática social e não como um sistema isolado. Portanto, uma visão que possibilite desenvolver nos alunos modos de agir socialmente por intermédio do discurso, como bem assinalam Vargens e Freitas (2010),

Desse ponto de vista, diríamos que ensinar línguas é mais do que ampliar a possibilidade de o indivíduo se comunicar em diferentes veículos e formatos. É, sobretudo, nosso compromisso como educadores linguísticos, ensinar a interagir discursivamente em tempos e espaços distintos, viabilizando a produção de novos sentidos e de novos textos. (VARGENS; FREITAS, p, 193, 2010)

Esse compromisso, por mais que pareça óbvio, não é simples, pois propõe romper com uma visão tradicional de ensino de línguas bastante enraizada nos alunos e ainda presente na formação de professores.

Diante do exposto, a fim de dar visibilidade a uma possível abordagem teórico-prática, apresentaremos uma experiência didática realizada com alunos do terceiro ano do ensino médio do Centro

2 Conclusões de minha participação como avaliadora no Programa Nacional do Livro Didático - PNLD (2012).

Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ) - Unidade Nova Iguaçu³, que teve como foco a análise e produção do gênero de discurso campanha institucional.

Antes de apresentar tal experiência, importa, inicialmente, destacar alguns pressupostos teóricos levando em conta suas implicações para o ensino de língua estrangeira no nível básico.

Ensino de língua estrangeira e a perspectiva enunciativa

Trabalhar com a Análise do Discurso exige um esclarecimento, uma vez que como afirma Maingueneau (2008), o campo de pesquisa nessa área se tornou muito ativo em todo o mundo, “mas sofre de um déficit de legitimidade dada a heterogeneidade de seus conceitos e procedimentos” (MAIGUENEAU, 2008, p. 11). Dessa maneira, dizer que seguimos a Análise de Discurso de linha francesa não dá mais conta das especificidades que envolvem as vertentes dessa teoria. Por isso, pesquisadores do nosso grupo de pesquisa⁴ passaram a se referir, recentemente, a uma teoria da Análise do Discurso de “base enunciativa” (doravante AD).

Para nossa concepção, o enunciado não se limita apenas a uma dimensão linguística para a compreensão de seu sentido, mas possui uma dimensão social, composta pela situação e pelos participantes que a constituem. Quando um enunciado é produzido, ele está relacionado à existência de alguém que o fala, a quem chamamos de enunciador (EU). Este enunciador se dirige a um coenunciador (VOCÊ), em um momento histórico específico e num tempo determinado.

Ainda que não haja nenhuma citação ou referência explícita, todo discurso repete, reafirma ou contradiz algo que já foi dito. Nada é original, tudo se recria. Quando o enunciador assume ou não a palavra como único proprietário do dito, pressupõe a organização do que irá dizer com base no interlocutor, pois “toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (BAKHTIN,

3 Campo de minha atuação profissional.

4 Integro os grupos de pesquisa *Práticas de linguagem, trabalho e formação docente* (UFF) e *Práticas de Linguagem e Subjetividade* - PraLins (UERJ). Tratam-se de grupos conveniados ao CNPQ, que dialogam entre si por privilegiarem articulações entre as práticas de linguagem e o mundo do trabalho.

1992, p.113-114). Não há dúvida de que os enunciados estão ligados por uma relação dialógica e que só estabelecem sentido dentro de uma interação, marcada por múltiplos atravessamentos.

As reflexões de Bakhtin (1995) e seu círculo sobre a linguagem representaram o surgimento de diversos questionamentos no campo dos estudos da linguagem, inclusive a AD, pois concebem a linguagem como fenômeno social e dialógico que se realiza por meio da enunciação, posto que os sentidos não são dados *a priori*, mas construídos no discurso (BAKHTIN, 1995). Não existe enunciado neutro já que “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN, 1992, p. 113).

A noção de enunciação pela AD vai conceber o texto como um processo de constituição de sentidos, uma progressão de marcas linguísticas deixadas por um discurso em que o dito é posto em cena (BRANDÃO, 2012). Dessa forma, um texto não se apresenta mais unicamente como um conjunto de palavras, visto como “um esconderijo de sentidos ao qual se teria acesso mediante uma atitude interpretativa como fundamento da análise” (ROCHA; DEUSDARÁ, 2006, p.22), mas compreendido em sua discursividade, em seu funcionamento. Analisar o sentido de um texto em seu funcionamento implica compreender que o sentido de “uma expressão, de uma proposição” não existe em “si mesmo”, já que um texto não é concebido como um sistema fechado em si mesmo, mas mantém relações com outros, visto como um lugar de trocas enunciativas, onde a história se inscreve (MAINGUENEAU, 1997). Essa concepção de texto desbanca aquela tradicional que o considera como uma sequência puramente linguística.

Segundo Bakhtin (1992), os enunciados não são proferidos como elementos isolados, mas organizados em gêneros do discurso. Desse modo, por uma questão de necessidade, as diferentes práticas sociais fazem surgir os gêneros de discurso que, além de organizar a comunicação entre os indivíduos, trazem marcas da esfera de comunicação em que estão inseridos, conferindo-lhes uma relativa estabilidade. Devido a essa noção, justifica-se a relevância de um trabalho em sala de aula com foco nos gêneros discursivos, uma vez que estes somente podem ser compreendidos se recuperada sua situação enunciativa, marcada por interlocutores, sempre situados

sócio-historicamente em tempo e lugar determinados.

Se nos comunicamos nas diferentes esferas das atividades humanas por meio dos gêneros discursivos, sejam orais ou escritos, dominar um certo repertório de gêneros se torna fundamental. A nossa capacidade de identificar e de nos comportarmos adequadamente em relação a um gênero de discurso, a nossa “competência genérica”, “permite também evitar a violência, o mal-entendido, a angústia de um ou outro dos participantes da troca verbal, enfim, permite assegurar a comunicação verbal” (MAINGUENEAU, 2002, p. 64). Portanto, é possível perceber a importância da utilização de um certo repertório de gêneros de discurso em sala de aula para que o processo ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja um processo de produção e de compreensão dos sentidos. Mais do que apenas identificar um gênero, o aluno deve refletir sobre o lugar de onde o enunciador fala, para quem fala, em que contexto sócio-histórico, etc.

Segundo Maingueneau (1997),

se há gênero a partir do momento que vários textos se submetem a um conjunto de coerções comuns e que os gêneros variam segundo os lugares e as épocas, compreender-se-á facilmente que a lista dos gêneros seja, por definição, indeterminada. Finalmente, cabe ao analista definir, em função dos seus objetivos, os recortes genéricos que lhe parecem pertinentes”. (MAINGUENEAU, 1997, p. 35)

Assim, diante da multiplicidade dos gêneros, cabe ao professor, enquanto esse “analista”, escolher e fazer o recorte do gênero a ser trabalhado com seus alunos de acordo com seu objetivo, valorizando aqueles que possibilitem a formação crítica e que estejam adequados aos seus conhecimentos linguísticos, sem negligenciar o conhecimento que possuem dos gêneros em sua língua materna.

No caso deste artigo, dentre os diferentes gêneros que são comumente utilizados nas aulas de língua estrangeira, desenvolvemos uma proposta didática com o gênero campanha institucional. A opção por tal gênero se justifica pelo fato de estarmos inseridos numa sociedade em que os meios midiáticos utilizam diferentes recursos a fim de persuadir os coenunciadores sobre um determinado fim social. Não se pode negar a força da mídia “que, pelo fato de consistir atualmente numa das mais fundamentais instâncias de constituição de representações imaginárias, objetiva e naturaliza o mundo, constrói e

propaga numa série de 'verdades'" (PIOVEZANI FILHO, 2004, p.147).

De fato, o gênero campanha possibilita o desenvolvimento da formação crítica dos alunos a respeito de "verdades" propagadas, que são constituídas por valores sociais, políticos, filosóficos, morais, religiosos, entre outros.

E a sala de aula? Compartilhando experiência didática...

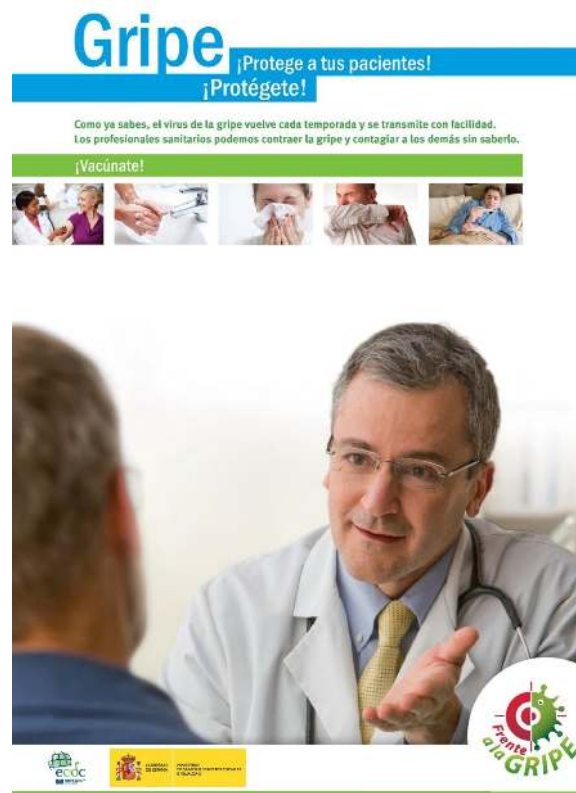
Primeiramente, importa ressaltar que um dos objetivos da disciplina de Língua espanhola no CEFET-RJ É desenvolver competências linguísticas em espanhol como língua estrangeira em gêneros discursivos variados com ênfase nas tipologias textuais. Pois, dialogamos com Vargens e Freitas (2010) ao comentarem que

se existe a pretensão de ensinar uma língua a partir dos gêneros, é conveniente associá-los às variadas tipologias, em especial, às que estudam as sequências de textos. É importante ter sempre em conta que não podemos concretamente **descrever**, **narrar** ou **argumentar** se não o fazemos por meio de um gênero específico. (VARGENS; FREITAS, 2010, p. 198)

Portanto, nossa prática busca seguir tal associação, enfatizando três tipologias textuais inseridas em gêneros discursivos em cada nível do ensino médio: Descrição (1º ano), narração (2ºano) e argumentação (3º ano).

Como já informado, a experiência didática que será descrita foi realizada com alunos do terceiro ano e, portanto, com ênfase na tipologia da argumentação. Isso também justifica a escolha do gênero campanha institucional, por ter como característica um discurso que busca intervir diretamente no comportamento do coenunciador.

A metodologia consistiu, inicialmente, na análise e depois, na produção do gênero estudado, considerando campanhas impressas e em vídeos. Por limitações de espaço e de recursos de que um artigo dispõe, fizemos um recorte e apresentaremos somente a análise de uma das campanhas impressas. Observemos o texto seguinte:

Figura 1: Campanha institucional⁵

Foi pedido aos alunos que observassem o texto e refletissem sobre aspectos que abarcam tanto elementos sociais quanto textuais. Maingueneau (2002) apresenta alguns elementos que envolvem um gênero de discurso que podem ser bastante interessantes para servir como base para uma proposta de análise em sala de aula. Vejamos um resumo⁶ de suas considerações acerca desses elementos, aplicando às características da campanha institucional selecionada⁷.

Uma finalidade reconhecida

“Todo gênero de discurso visa a um certo tipo de modificação da situação da qual participa” (MAINGUENEAU, 2002, p.66). A determinação

5 Retirado de <http://www.msssi.gob.es/campannas/campanas13/pdf/posterGripe13.pdf>; Acesso em dezembro de 2013.

6 Adaptação do resumo elaborado por Ferreira (2007) com base em Maingueneau (2002).

7 Cabe ressaltar que este artigo não se propõe a fazer um estudo aprofundado do gênero campanha institucional, mas refletir, por intermédio de um trabalho com este gênero, sobre uma possível forma de articular a perspectiva discursiva ao ensino de língua estrangeira, especialmente a língua espanhola.

correta dessa finalidade é indispensável para que o destinatário possa ter um comportamento adequado ao gênero de discurso utilizado. No caso da campanha destacada, o objetivo é convencer profissionais de saúde a se vacinarem contra a gripe para não serem contaminados e nem contaminar seus pacientes. Num âmbito mais amplo, a campanha tem o propósito de combater os casos de gripe.

O estatuto de parceiros legítimos

“Que papel devem assumir o enunciador e o co-enunciador?” (MAINGUENEAU, 2002, p.66). Nos diferentes gêneros discursivos, já se determina de quem parte e a quem se dirige a fala. A cada um deles correspondem direitos e deveres, como também saberes. O texto corresponde a uma campanha produzida pelo *Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad* do governo da Espanha, responsável por desenvolver diferentes temas de conscientização social naquele país. Quem assume o lugar de enunciador é um profissional da saúde que se dirige aos seus colegas de profissão, como se pode constatar pelo uso da primeira pessoa do plural em: “Como ya sabes, el virus de la gripe vuelve cada temporada y se transmite facilidad. Los profesionales sanitarios, **podemos** contraer la gripe y contagiar a los demás sin saberlo”⁸. Dessa maneira, identificamos um enunciador que tem autoridade para falar, pois conhece o problema e se preocupa com sua saúde e com a saúde dos demais. Ele se dirige a um coenunciador que corresponde aos seus colegas de profissão, a fim de convencê-los a se vacinarem, uma vez que podem ser contaminados e transmissores da gripe.

O lugar e o momento legítimos

“Todo gênero de discurso implica um certo lugar e um certo momento” (MAINGUENEAU, 2002, p. 66). As noções de “momento” e “lugar” de enunciação exigidas por um gênero de discurso não são evidentes. Se a campanha em destaque estiver veiculada no quadro de avisos de um hospital, seu público é específico e pode dispor de um maior tempo para ler as informações ali contidas. Mas se estiver

8 Como já sabe, o vírus da gripe volta a cada temporada e é transmitido com facilidade. Os profissionais da saúde, podemos contrair a gripe e contagiar os demais, sem saber.

pendurado na rua, seu público será indeterminado, pois atinge qualquer pessoa que venha a passar. Nesse caso, “os leitores potenciais” da campanha podem não chegar a tomar conhecimento dela.

O autor ainda destaca que cada gênero implica uma “temporalidade” que envolve alguns eixos: uma periodicidade – uma campanha social não obedece a uma periodicidade específica como um telejornal, por exemplo; uma duração de encadeamento – uma campanha não pode ser muito extensa e distingue pelo menos duas durações de leitura: o simples levantamento de elementos destacados, que pode ser as imagens ou, por exemplo, uma frase em destaque para atrair a atenção do coenunciador: “Gripe. iProtege a tus pacientes. iProtégete!⁹”, e depois, a leitura do restante do texto; uma continuidade – geralmente a campanha é apresentada de uma só vez, sem interrupções, o que já não acontece com a leitura de um romance, por exemplo; uma duração de validade – uma campanha pode ser válida durante uma semana, um mês, um ano, por tempo indeterminado se considerarmos a sua finalidade. Não há data de publicação no texto analisado, mas a informação de que “el virus de la gripe vuelve cada temporada” indica que a campanha é periódica e que provavelmente circulou às vésperas da chegada do inverno. Podemos concluir isso com base em nosso conhecimento enciclopédico (Maingueneau, 2002) de que nessa época do ano se discute muito a importância da prevenção desta doença, uma vez que seus casos aumentam com a queda de temperatura.

Um suporte material

Um texto pode ser somente ondas sonoras (oralidade), pode ter suas ondas tratadas e decodificadas (rádio, telefone, etc.), ser manuscrito, impresso, estar na memória de um computador, entre outros. “Uma modificação do suporte material de um texto modifica radicalmente um gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2002, p.68). As características do suporte funcionam como molde para as práticas que se dão no seu interior. Uma campanha impressa num papel é totalmente diferente de uma campanha veiculada na televisão, pois o suporte eletrônico fornece certas peculiaridades para usos sociais, culturais e

9 Gripe. Proteja seus pacientes! Proteja-se!

comunicativos que não encontramos, nos papéis impressos, no rádio, numa interação face a face e assim por diante. Sem dúvida, no suporte eletrônico, a campanha passa por um processo de adaptação discursiva, cujos propósitos comunicativos já não são mais os mesmos daqueles da esfera do cotidiano. Observa-se que a campanha selecionada organiza as principais informações com textos simples, curtos e os recursos não verbais são explorados de acordo com o que a natureza do suporte permite.

Segundo Maingueneau (2002), o suporte durante muito tempo foi deixado em segundo plano, mas atualmente, cada vez mais, se tem a consciência de que ele não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O autor ainda afirma que o desenvolvimento da informática contribui diretamente com essa tomada de consciência e que revolucionou efetivamente a natureza dos textos e seu modo de consumo. A partir disso, constatamos que, de acordo com seu suporte, o gênero discursivo se apresentará com especificidades proporcionadas pelo meio digital, pois o modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso (MAINGUENAU, 2002).

Uma organização textual

“Todo gênero de discurso está associado a uma certa organização textual que cabe à Linguística textual estudar” (MAINGUENEAU, 2002, p.68). Dominar um gênero de discurso é ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis: de frase a frase, como também em suas partes maiores. Esses modos de organização podem ser objetos de uma aprendizagem ou apreendidos por impregnação. Há gêneros que seguem uma organização mais rígida, como a receita, e outros “roteiros mais flexíveis”, que é o caso de uma campanha institucional. No texto analisado, observamos a presença de sequências verbais argumentativas marcadas pelo uso do imperativo: “Protege a tus pacientes”, “Protégete”, “Vacúnate”. Utilizando-se desse modo verbal, é o coenunciador quem deverá ocupar o papel de sujeito de tal ação (proteger-se, proteger seus pacientes da gripe e vacinar-se). É uma

forma mais personalizada em que o enunciador se dirige diretamente ao coenunciador, caracterizando a função persuasiva do discurso. Ainda que haja uma sequência verbal descritiva: “Como ya sabes, el virus de la gripe vuelve cada temporada y se transmite con facilidad”, pelo contexto do gênero, podemos observar que sua função também é persuasiva, pois serve como uma informação que fortalece a necessidade de que os profissionais de saúde se vacinem para não contraírem ou contagiarem os demais sem saber.

Ainda é interessante observar que os elementos não verbais também constituem a organização textual do gênero, pois assumem características argumentativas. Por exemplo, a imagem maior mostra um médico em destaque atendendo um paciente, o que provoca o efeito de identificação por parte do coenunciador, facilitando o convencimento. As imagens menores de uma mulher sorrindo ao ser vacinada e pessoas apresentando sintomas da doença servem como estímulo para que o coenunciador busque a vacinação. Além disso, há a imagem de alguém lavando as mãos, o que aciona o conhecimento de mundo do interlocutor para o fato de ser um meio de prevenção da contaminação da gripe.

Um pouco mais...

Ademais das considerações apresentadas, a abordagem teórico-metodológica adotada nos permitiu avançar nas discussões relacionadas ao contexto histórico e social da campanha, por meio do diálogo com diferentes gêneros que tematizassem a vacinação contra a gripe¹⁰. Dessa maneira, os alunos puderam observar a existência de discursos em debate sobre a verdadeira eficácia da vacinação como prevenção da gripe, considerada sob um ponto de vista contrário ao da campanha, como um negócio mercadológico e não como uma necessidade. Identificar vozes em oposição ajudou os alunos a compreenderem melhor os discursos que circulam sobre esse tema e, principalmente, refleti-lo no contexto do Brasil, onde também convivemos com a realização de campanhas como essa.

Certamente, essas reflexões não abrangem todas as possibilidades

10 Foram selecionados artigos de opinião sobre o tema veiculados em jornais da Espanha.

de análise, mas contribuem para mostrar uma concepção que deixa de lado a utilização do gênero somente como um meio de decodificar palavras, memorizar vocabulários ou estruturas gramaticais para uma visão mais ampla, em que o contexto sócio-histórico é valorizado. Segundo Daher (2009), há a “necessidade de trazer para as discussões de sala de aula novos problemas vinculados à compreensão de sentidos e a produção de enunciados numa língua que é estrangeira” (DAHER, 2009, p. 34-35).

Depois da etapa de análise, com o objetivo de propiciar aos alunos a possibilidade de alternar os papéis deste “jogo” – enunciator x coenunciador –, foi proposto, como segunda etapa, a produção de vídeos de campanhas¹¹ com temas sociais idealizados por eles. Conforme determinação das *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*

é importante que a abordagem da língua estrangeira esteja subordinada à análise de temas relevantes na vida dos estudantes, na sociedade da qual fazem parte, na sua formação enquanto cidadãos, na sua inclusão (BRASIL/SEB, 2006, p. 150).

A escolha pela produção de vídeos se deve ao avanço muito rápido das novas tecnologias que passaram a representar um espaço para novos comportamentos comunicativos, gerando impactos na linguagem, e, conseqüentemente, no ensino de línguas. Portanto, acreditamos ser importante incorporar as novas tecnologias em projetos desenvolvidos na escola, por esta se constituir como um espaço aberto à inserção de elementos presentes em nosso entorno social.

Para essa etapa de produção é importante compreender que, na medida em que tais setores tecnológicos se complexificam na sociedade, os gêneros também tenderão a se reformatar para darem conta das novas necessidades que se instauram nas esferas da atividade humana (Araújo, 2005). Se o gênero é uma produção discursiva situada sócio-historicamente, e que somente é compreendido dentro de uma determinada situação comunicativa, podemos perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido, porque “criam-se novas formas de organizar e administrar os relacionamentos

11 Cabe lembrar que também realizamos um trabalho prévio de análise de campanhas no formato vídeo, assim como fizemos com a imprensa.

interpessoais nesse novo enquadre participativo (MARCUSCHI, 2005 p.17-18).

Por fim, com o intuito de dar visibilidade ao trabalho desenvolvido, realizamos uma sessão de exibição dos vídeos produzidos pelos alunos com debate sobre os temas tratados durante evento¹² realizado anualmente na escola aberto à comunidade interna e externa. Tal exibição tem a relevância de romper com os limites da sala de aula, pois muitas vezes, os trabalhos desenvolvidos na escola são apenas resultados de avaliações sem nenhuma outra finalidade. Assim, acreditamos que a formação discente pode e deve ter resultados concretos que vão além de uma aprovação escolar.

Considerações finais

Este artigo demonstrou que não é possível separar o ensino de língua de seu uso social e que a aplicação de uma abordagem enunciativa em sala de aula possibilita aos alunos, no processo ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, interagir discursivamente em tempos e espaços distintos, construindo novos sentidos por meio da apropriação dos gêneros e sua relação com a sociedade.

Os resultados comprovaram a experiência didática como elemento motivador e enriquecedor para o ensino do espanhol na instituição e demonstraram que, além do desenvolvimento da língua espanhola, os alunos puderam desenvolver reflexões de conscientização social importantes para sua formação enquanto sujeito crítico e atuante no mundo.

Esperamos que as reflexões aqui apresentadas possam contribuir para o avanço na visão de que o ensino de língua estrangeira na escola cumpre um papel muito maior do que simplesmente promover a comunicação. Ele promove a inserção do aprendiz na sociedade por intermédio das diferentes formas de compreender e interagir através da linguagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. R. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: Marcuschi, L.A., Xavier, A. C. (orgs). **Hipertexto e gêneros**

12 A exibição dos vídeos de campanhas dos alunos no evento Semana de Extensão chegará a sua terceira edição em 2014.

digitais. 2.ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005, p. 91-109.

BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Huicitec. 1995.

BRANDÃO, H.H.N. **Introdução à análise do discurso**. 3ed. Campinas: UNICAMP, 2012.

BRASIL/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio**. Língua Estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL/SEB. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v.1, 2006.

DAHER, D. C. A Análise do Discurso e o ensino de Espanhol Língua Estrangeira. In: FREITAS, L. M. A. et al. (orgs.). **Estudos Hispânicos. Língua, Literatura, Ensino, Pesquisa**. Rio de Janeiro: APEERJ, 2009. Disponível em: <www.apeerj.org.br>

FERREIRA, C. C. **(Não) faça isso, professor**: uma análise discursiva de dicas da internet. 2007. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Cenas da enunciação**. In: POSSENTI, S; SOUZA-E-SILVA, M.C (orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: Marcuschi, L.A., Xavier, A. C. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2.ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005, p. 13-67

PIOVEZANI FILHO, C. Entre vozes, carnes e pedras: a língua, o corpo e a cidade na construção da subjetividade contemporânea. In: Sargentini, V; Navarro-Barbosa, P. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004, p.133-158.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de conteúdo e Análise do discurso: o linguístico e seu entorno. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 22, p.29-52, 2006,

VARGENS, D.P.M; FREITAS, L.M.A. Ler e escrever: muito mais que unir palavras. In: BARROS, C. S; COSTA, E. G. M. (coords). **Espanhol: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Coleção Explorando o Ensino; v.16, 2010, p. 191-220.

Recebido em 01 de jul. de 2014.

Aceito em 30 de abr. de 2015.